

**TEREHELL: O DIABO NO ROCK METAL EXTREMO DE TERESINA (2005-2017)**

José Eduardo Oliveira Nascimento<sup>1</sup>

Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

[edumetal18@gmail.com](mailto:edumetal18@gmail.com)

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo trabalhar historicamente as representações, sentidos e subjetividade sobre o diabo no cenário rock metal extremo de Teresina entre 2005-2017. Tal discurso encontra-se cristalizado nas subjetividades capitalísticas e tornou-se um dos principais estereótipos dentro da cultura *headbanger*. Para tal, utilizamos como fontes históricas capas de *fanzines* e *webzines* que foram produzidos entre 2005-2017. Para problematizar as fontes documentais, realizamos um estudo semiótico nas capas, buscando compreender historicamente os signos expostos na construção de determinadas representações do diabo. Para construir um *corpus* de pesquisa mais consistente, também utilizamos entrevistas para dar suporte às problemáticas apresentadas pelos *fanzines* e *webzines* e, assim, confrontar ou reforçar determinadas hipóteses com os depoimentos concedidos para pesquisa. Além disso, usamos os conceitos de *processos de singularização*, *autonomização*, *práticas discursiva*, *produção de subjetividades* e *sentidos* para questionar alguns pontos que foram levantados durante a pesquisa. Assim, esperamos construir um trabalho que vá além da superfície e dos julgamentos simplistas e construa caminhos para novas interpretações sobre as representações do diabo dentro do cenário rock metal extremo de Teresina.

**Palavras-chave:** Diabo. Rock metal extremo. Representações.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Bolsista demanda social Capes.

**DESCENDO O ABISMO DE TEREHELL ATRAVÉS DE FANZINES:  
REPRESENTAÇÕES, SENTIDOS E SUBJETIVIDADES SOBRE O DIABO NO  
ROCK METAL EXTREMO DE TERESINA**

Sem dúvida, o principal argumento daqueles que perseguem o *heavy metal* e o consideram uma expressão artística duvidosa é sua relação com o diabo. É exatamente isso que este trabalho tem como objetivo, ou seja, analisar historicamente essas representações através das capas *fanzines*<sup>2</sup> e *webzines*<sup>3</sup> no contexto da capital piauiense. Então, qual seria a cara do “diabo *headbanger*”<sup>4</sup> de Teresina? Para descobriremos isso, primeiramente, vamos averiguar a capa do *fanzine* Apokalipse Manifesto. Observem Figura 01. Capa da segunda edição do *fanzine* Apokalipse Manifesto

---

<sup>2</sup>(...) é uma publicação alternativa e amadora, geralmente pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fã-clubes de determinada arte, hobby ou gênero de expressão artística (...) Para mais informações, ver: MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1993.p.08).

<sup>3</sup>(...) os *webzines* que circulam através das redes sociais, ou seja, *fanzines* que são feitos através de ferramentas digitais e possuem uma estética mais “profissional” e são disponibilizados on-line para os leitores em plataformas digitais. Para maiores detalhes, ver: NASCIMENTO, José Eduardo Oliveira. O cara mais underground é o diabo: **representações, sentidos e subjetividades sobre o diabo no rock metal extremo de Teresina entre 2005-2017**. 2018. 92 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual do Piauí, Campo Maior, 2018. P.14.

<sup>4</sup>Embevecidos pela sonoridade característica, seus apreciadores costumam balançar a cabeça para frente e para trás, acompanhando o ritmo das músicas. Esse movimento corporal, que começou a ser observado nos shows durante a década de 70, se mostrou tão peculiar e se propagou de tal forma ao longo dos anos que serviu para batizar genericamente os fãs de heavy metal como *headbangers* (...) In: SILVA, Jaime Luis da. O heavy metal na revista Rock Brigade: **aproximações entre jornalismo musical e produção de identidade**. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RG, 2008.



Fonte: Acervo pessoal de Pedro Hewitt.

Analisando a iconografia da imagem, podemos notar a predominância da cor preta compondo a capa em sua totalidade. Centralizado, ladeado de uma escuridão impenetrável temos uma figura antropomórfica. Além disso, a criatura segura em suas mãos as partes de um objeto. Na parte superior da capa está localizado o nome do *fanzine*. Esses elementos significantes provocam, por si só, reação de repulsa em boa parte dos sujeitos que estão submetidos a produção de subjetividades capitalísticas<sup>5</sup>.

O primeiro ponto que vamos analisar é o uso majoritário da cor preta. Por que não usar a cor branca, roxa, verde ou rosa? Essa pergunta se faz necessária para percebermos que o uso da cor não é apenas uma escolha, mas, principalmente, uma exclusão de cores que poderiam ser utilizadas. Esse elemento de exclusão é importante, pois se essas cores foram excluídas, logo, a cor escolhida é carregada de sentidos que produzem certos significados e representações. E quais seriam essas representações do preto? Bom, segundo Ganshoh

Outra característica do Diabo e as divindades do mal de outras religiões é a sua associação direta às trevas e ao negro. (...) o puro, o belo, o nobre é a cor branca, oposta ao corrompido, feio e comum, da cor negra (LURKER, 1997). Pode-se enxergar isso no terceiro ato de Deus depois de criar o Céu e a Terra. Em Gênesis (1:2) Deus separou a luz das trevas e viu que “a luz é boa”, o que implica que a escuridão é má. (2010, P.23-24)

---

<sup>5</sup> O termo capitalístico refere-se ao modo de produção de subjetividades que se dá em nível global, para além do maniqueísmo “primeiro mundo *versus* terceiro mundo”. Para mais detalhes, ver: GUATTARRI, Felix. ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4ª edição, 1996.

Ou seja, para Gansohr a cor escura, o preto, significa simbolicamente o mal. A ausência de luz estaria diretamente conectada ao diabo. Essa perspectiva é interessante, pois, atualmente, muitos associam a imagem do diabo à cor vermelha. Na verdade, a forma pictórica do diabo nunca foi precisa. Nesse sentido, Gonçalves cita que

Os estudiosos desdobram-se em esforços para descobrir por que inexistem representações do Diabo anteriores ao século VI. [...] A razão disso, a meu ver, é dupla: confusão acerca do Diabo e um vazio, a falta de algum modelo pictórico passível de ser usado durante o período em que formas de arte e motivos especificadamente cristãos emergiram e se distinguiram das influências clássicas. (2010, P.93)

Para tanto, os tons mais escuros, como azul e, principalmente, o preto, simbolicamente, representaram e representam, desde os primórdios do cristianismo, o território dos seres diabólicos. Então, partindo deste princípio, podemos interpretar que o significado da capa do *fanzine* é o próprio inferno. E, no centro, uma grande figura humanoide, metade-homem e metade-bode. Séria o diabo? Sobre isso, Nogueira nos revela que

O grande modelo que influenciou toda uma iconografia diabólica foram as clássicas imagens de Pã e dos sátiros: criaturas meio homem, meio bode, com chifres, cascos partidos, olhos oblíquos e orelhas pontiagudas. (2000, P.67)

Através dessas citações, podemos supor que a figura humanoide no centro da capa é, provavelmente, o diabo cristão. Entre os séculos XIII – XV, os artistas medievais trataram de deixar o diabo mais grotesco, refletindo, assim, o pavor crescente da população medieval sobre os possíveis ataques diabólicos a partir do século XIII. Entretanto, apesar de ser claro para nós a relação entre o diabo cristão e pã, essa imagem é ligeiramente diferente das representações medievais. Sobre isso, “Há uma conhecida junção figurativa entre o Diabo e o bode: Baphomet (...) considerada (...) a imagem de “culto satânico” mais influente da História.”<sup>6</sup> E Gansohr complementa

(...) “Baphomet” surge de uma acusação forjada contra os Templários, que supostamente cultuavam em segredo um ídolo com esse nome. Foi o ocultista

---

<sup>6</sup> GANSOHR, Matheus. O símbolo do diabo na música *heavy metal*: **uma análise a partir do disco *reign in blood do slayer***. 2010. 46 f. Monografia (Bacharel em Psicologia) –Departamento de Ciências Humanas e da Saúde, Universidade de Salvador – UNIFACS, Salvador, 2010. P.26.

francês Éliphas Lévi (1810-1875) que deu imagem ao nome, criando uma fusão dos símbolos de várias tradições religiosas da antiguidade. (2010, P.26)

Vale destacar que, apesar das inúmeras similaridades, Baphomet não é o diabo cristão. A concepção simbólica desenvolvida por Eliphas Levi é completamente diferente do diabo. Nesse sentido, voltamos para análise de Gansohr, quando comenta que

Baphomet traz na sua testa um símbolo que o diferencia do Diabo: um pentagrama com a ponta para cima (LÉVI, 1997). Com essa configuração o pentagrama representa o humano de braços e pernas abertas, assim como a sabedoria, amor, justiça, clareza e bondade. (2010, P.27)

E agora? A figura humanoide é Baphomet ou o diabo cristão? Acreditamos que a iconografia da criatura encontrada na capa, mesmo com semelhanças com o diabo medieval, é na verdade inspirada em Baphomet. Acreditamos nisso, pois os símbolos que estão ligados à imagem de Baphomet como, por exemplo, o pentagrama, são utilizados no cenário rock metal extremo de Teresina com frequência. Assim, sua imagem é muito comum em logomarcas de bandas e *flyers*<sup>7</sup> de shows em Teresina. Nesse sentido, podemos concluir que a criatura representada na capa é na verdade Baphomet, “divindade” que foi construída apenas no século XIX. Entretanto, mesmo representando símbolos opostos ao diabo cristão, a figura de Baphomet foi preenchida de significados diabólicos no século XX.

Essas transformações ocorreram por dois fatores. O primeiro: “(...) Baphomet tornou-se o símbolo oficial da Igreja de Satanás, criada por Anton Szandor La Vey, em 1966. Essa efígie é usada no mundo inteiro por satanistas e seguidores de Satanás.”<sup>8</sup> O segundo e mais importante fator foi à recuperação de microvetores de subjetivação singular da “nova divindade” e seus sentidos pelas máquinas de produção de subjetividades capitalísticas dominantes, assim, unificando à um modelo previamente existente: o diabo. Sobre isso, Guattari e Rolnik comentam que

A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras (...) que impedem que se dê conta dos processos de singularização.

---

<sup>7</sup>Cartaz de divulgação de show.

<sup>8</sup> BAÇAN, L.P. **Baphomet**. ACRIBD. 1ª edição eletrônica. 2010.

Toda criatividade no campo social e tecnológico tende a ser esmagada, todo microvetor de subjetivação singular recuperado. (1996, P.40)

Assim, as máquinas capitalísticas esvaziaram os sentidos que Eliphaz Levi atribuía a esse “novo” ídolo. Esse esvaziamento ocorreu na medida em que as instituições capitalísticas produziam subjetividades e sentidos sobre Baphomet. Essas produções capitalísticas se constituem como processos totalizantes, assim, os *headbangers* estão, ao mesmo tempo sujeitos aos efeitos de subjetividades homogeneizantes e, também, buscam processos de singularização<sup>9</sup> para construir novos sentidos<sup>10</sup>. Portanto, para aqueles que vivem essa lógica capitalística, nesses sentidos e subjetividades redutoras, Baphomet e o diabo são duas faces da mesma moeda. Para encerrar a análise semiótica da capa, o ponto que vamos abordar mais profundamente é o nome do *zine*. Sim, esse elemento é muito importante, pois como argumentam Bauer e Gaskell

(...) o sentido de uma imagem visual e ancorado pelo texto que a acompanha, e pelo *status* dos objetos (...) visto que sistemas de signos necessitam "a mediação da língua, que extrai seus significantes (na forma de nomenclatura) e nomeia seus significados (na forma de usos, ou razões). (2002, P.321)

Nesse sentido, o nome do *zine* é o elemento primordial que dá o sentido aos componentes pictóricos. Os significantes pictóricos e o texto devem ser analisados em conjunto, pois ambas as artes constroem um todo. É essa relação entre imagem e texto que vai produzir o discurso final e seu significado. Um fato importante, segundo Barthes, é a intencionalidade, pois

---

<sup>9</sup> (...) uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver; com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. Idem. Ibidem. P.17.

<sup>10</sup>O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: Edição eletrônica, Rio de Janeiro, RJ, 2013. P.22.

(...) Intencional: são certos atributos do produto que formam *a priori* os significados da mensagem (...) e estes significados devem ser transmitidos tão claramente quanto possível; se a imagem contém signos, teremos certeza que, em publicidade, esses signos são plenos, formados com vista a uma melhor leitura: a mensagem publicitária é *franca*, ou pelo menos, enfática. (1990, P.28)

Quando Barthes menciona “mensagem publicitária” podemos entender como imagens que possuem uma intenção, ou seja, um significado e, por ser claro sua intenção, podemos nos debruçar em como esses elementos pictóricos e linguísticos formam esses significados sem nos ater demais a sua intencionalidade explícita. Bauer e Gaskell (2002, P.325) corroboram quando argumentam que “Isto dá liberdade ao analista para se concentrar no *como*, mais do que no *o quê*.”.

Então, será que a capa tem uma mensagem explícita? Com certeza. E o nome é o principal elemento dessa mensagem. O primeiro elemento que vamos destacar é própria grafia do nome “*Apokalipse Manifesto zine*”. A fonte em questão, utilizada para estilizar o nome, é a *old english text MT*. Essa fonte é muito frequente no cenário rock metal extremo de Teresina. Acreditamos que isso ocorre com a intenção de criar uma estética antiga, que não pertence ao nosso tempo.

O nome do *zine* já adverte o leitor com uma mensagem: esses elementos pictóricos e linguísticos são um manifesto! Mais que um meio de informação, o *zine* em questão é um instrumento de intencionalidades, um programa estético. Não é apenas um *fanzine* informativo sobre a cena, mas, sobretudo, um artefato<sup>11</sup> carregado de sentidos. Para complementar, Ferreira (2001, P.52) diz que apocalipse é “O último livro do novo testamento, e que contém revelações terríficas acerca dos destinos da humanidade.” O interessante é que, inicialmente, os sentidos do apocalipse de João não eram tão terríficos assim. Sobre isso, Nogueira argumenta que

O fim da dominação do Mal está próximo, nada pode apagar o brilho de uma atmosfera de otimismo grandioso, a certeza irresistível da vitória final que anima os cristãos do primeiro século. Pois era evidente aos olhos de todos que Satã e seus exércitos estavam em uma posição de dependência absoluta frente a Deus e de total impotência no enfrentamento com o Messias. (...) finalmente aproxima-se o fim do mundo, a hora do Juízo Final. Para o cristianismo triunfante, consciente de sua vitória, resta apenas a espera, cada

---

<sup>11</sup>Nome que indica alguma produção do underground extremo em Teresina, como: Cds, fitas demo e *fanzines*.

vez mais reduzida, da bem-aventurança eterna, na Cidade de Deus. (2000, P.27-33)

Mas esse clima de otimismo em relação ao apocalipse vai se transformando. Desde o início da Idade Média, no século V, o diabo vai ficando cada vez mais poderoso, chegando ao seu ápice de terror no começo da Idade moderna. Nogueira (2000, P.95) comenta que “O antigo otimismo cristão cedeu lugar a angústia generalizada.” Le Goff também reforça essa ideia quando afirma que

(...) neste processo, que deveria terminar na vitória de Deus e na salvação dos homens, as tribulações que se desencadeariam na Terra durante na fase preliminar é que bem depressa dominaram a atenção dos homens. (...) cada vez mais o medo, o pânico, o medo coletivo. (...) Ocidente medieval foi o mundo do medo certo. (2005, P.184)

Portanto, os sentidos mudam de acordo com o contexto histórico. A vitória no juízo final não estava mais garantida, como acreditavam os primeiros cristãos. É isso que a capa do zine reflete, o medo cristão em relação ao fim dos tempos. Para encerrar, podemos dizer que os elementos pictóricos e linguísticos representam o inferno cristão e seu líder supremo: o diabo em sua versão moderna, Baphomet, surgindo triunfante da escuridão pronto para a batalha final. E, diferente do apocalipse bíblico, nesse “*apokalepse manifesto*” o grande vencedor será o diabo e as forças do mal.

## **O DIABO EM TEREHELL: UM SÍMBOLO DE LUTA E LIBERDADE**

No *fanzine* analisado até aqui o diabo/Baphomet é a figura central. Portanto, poderíamos afirmar que os *headbangers* de Teresina participam de uma cena satânica? São seguidores e prestam culto ao diabo? Acreditamos que não, pois isso reduziria novamente os processos de singularização do cenário rock metal extremo a uma categoria unificadora. Não podemos cometer esse erro de esvaziar as subjetividades. Nesse sentido, Carlos Nephastorm menciona que no cenário de rock metal de Teresina existe

(...) uma característica bem peculiar da cena black metal de Teresina. Agora vamos falar de cena black metal mesmo de Teresina. Restringir e cercar ao black metal teresinense. A maioria dos que compõem a cena black metal aqui

em Teresina, pelo menos aqueles que eu tenho conhecimento são ateus. Então, não possuem crença em nenhum tipo de espiritualidade, nenhum tipo de... é... Existência fora da matéria, enfim, nenhum tipo de crença em vida após a morte ou em deus, em divindades, ou coisas que o valham. Então, isto é uma característica da cena *black metal* teresinense. (...) e a figura do diabo (...) essa criatura da mitologia cristã ela é utilizada como uma simbologia.<sup>12</sup>

Assim, o entrevistado nega qualquer associação de cunho religioso, como o satanismo, dentro do cenário rock metal extremo de Teresina. A primeira vista, isso soa bastante contraditório, visto que os *headbangers* de Teresina usam de maneira explícita os símbolos que estão associados ao diabo. Além disso, essa afirmação mostra uma nova possibilidade dentro desse cenário *black metal*, pois Campoy comenta que

Poderíamos continuar citando inúmeros trechos de entrevistas onde o satanismo é afirmado como uma “ideologia” acima da música e descrito de maneira violenta, repugnante e agressiva, “radical” como as bandas preferem. É uma assunção amplamente aceita: compor e escutar *black metal* no *underground* significa cultivar alguma forma de satanismo. (2008, P.145)

Segundo Campoy (2008), tocar e escutar *black metal* é cultivar o satanismo. Essa é uma característica do *black metal*, gênero musical que compõe o rock metal extremo. Assim, encontramos nesse trabalho de Campoy (2008) uma categoria de *headbanger* que vamos chamar de “*headbanger satanista*”. Inicialmente esperávamos encontrar essa categoria em Teresina, porém, Nephastorm faz parte de uma banda de *black metal*, mas nega e desconhece a existência de bandas satanistas em Teresina. Desse modo, percebemos que existem processos de singularização e principalmente uma função de autonomização<sup>13</sup> no cenário do rock metal extremo de Teresina que indica um possível rompimento e características singulares sobre a representação do diabo em relação ao resto do cenário rock metal extremo nacional. Nesse sentido, não foi apenas Nephastorm que apontou essa especificidade do diabo no cenário rock metal extremo, pois Pedro Hewitt comenta

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Carlos Nephastorm em 26/12/2017

<sup>13</sup> (...) capacidade de operar seu próprio trabalho de semiotização, de cartografia, de se inserir em níveis de relações de força local, de fazer e desfazer alianças, etc. Para maiores informações sobre o conceito de autonomização, ver: GUATTARRI, Felix. ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4ª edição, 1996. P.46.

Pelo menos as bandas que eu ouço e que eu conheço nenhuma delas cultua o diabo, né? Muita gente, como eu já disse, se confundiu porque vê capa do diabo e tudo (...), mas isso tudo não passa apenas de uma mera capa. O que importa é o conteúdo que tem dentro dela, né? As letras e o porquê dela tá tocando. Talvez existam uma ou duas bandas que se contradizem, que os caras são ateus e eles falam muito de satã, satã, satã e tal, mas que na real não tem tanto sentido, né? No Brasil existe muita banda que realmente existem membros satanistas levando mais “pro” lado de magia negra, essas coisas, e existem outras que usam mais com simbolismo, um lance assim mais crítico.<sup>14</sup>

Os sujeitos dentro do contexto no cenário rock metal extremo de Teresina negam o uso do diabo no seu sentido religioso, satânico. Existe uma ruptura em relação ao sentido habitual do diabo. Ele é carregado de outros sentidos pelos *headbangers* de Teresina. Entre as representações que são atribuídas ao diabo no cenário rock metal extremo notamos que os sentidos de luta e liberdade são os mais recorrentes. Assim, identificamos que o cenário rock metal extremo de Teresina é composto por uma categoria que vamos chamar de “*headbangers ateus anticristãos*”.

Existe uma linha que separa o “*headbanger satanista*” e a categoria que construímos para esse trabalho, “*headbanger ateu anticristão*”. O simbolismo faz parte dessa linha. Sobre isso, Durand (1993, P.11-12) comenta que “a imagem simbólica é transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstracto. O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério.” Ou seja, o símbolo do diabo é um meio abstrato para representar sentidos de liberdade e de luta. Ao ser questionado sobre o simbolismo do diabo, *headbanger X*<sup>15</sup>, nos diz

De liberdade, sabe? Por exemplo, a igreja diz “oh, diabo é ruim” aí o *headbanger* vai lá: “não sou obrigado a gostar de deus, se eu quiser eu posso gostar do diabo”, que... Posso dizer que o diabo é bom, Posso dizer que ele é legal, posso tratar daquilo que vocês dizem que o diabo faz como sendo ruim eu posso dizer que é legal, sabe? Vocês não vão me prender, vocês não vão doutrinar minha mente. Se eu quiser seguir o caminho que eu quiser, inclusive de seguir o diabo se assim entender, sabe? O simbolismo é esse, de liberdade (...)<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Pedro Hewitt em 21/12/2017

<sup>15</sup>Pseudônimo que estamos usando para proteger a identidade do entrevistado.

<sup>16</sup> Entrevista cedida por *headbanger X* em 21/12/2017

Ou seja, para o *headbanger* X o diabo dentro do cenário de rock metal extremo de Teresina é um símbolo de liberdade em relação aos dogmas cristãos. É uma forma de expressar sua resistência aos sentidos e subjetividades dominantes. Nesse sentido, sua fala se configura como uma prática discursiva<sup>17</sup>. Através desse conceito, podemos perceber que a fala citada anteriormente é uma fala ativa, uma “fala ação”. Por isso, usamos o “anticristão” na construção da categoria de *headbangers* que identificamos em Teresina, pois é um posicionamento<sup>18</sup> contrário, tomado a partir das inúmeras narrativas construídas pelas subjetividades dominantes. Entretanto, essa liberdade não é uma liberdade passiva, ao contrário, é uma noção de liberdade combativa. Além disso, não é uma luta estática, mas existe uma dinâmica, uma função de autonomização dentro do cenário rock metal extremo de Teresina. Um exemplo de autonomização são as capas de *zines* que obtivemos on-line, Observem

Figura 02. Capa da terceira edição do zine Sindicato dos Assassinos (2015)



Fonte: Acervo pessoal

Essa capa, ao contrário da capa do Apokalipse Manifesto, foi produzida na segunda década dos anos 2000, em 2015. Nessa capa, temos elementos que se

---

<sup>17</sup> O conceito de *práticas discursivas* remete, por sua vez, aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentido, ou seja, corresponde aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade. (...) *práticas discursivas* como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: Edição eletrônica, Rio de Janeiro, RJ, 2013. P. 26

<sup>18</sup>(...) ao focalizar as práticas discursivas deparamos também com a processualidade das construções identitárias. Posicionar-se implica navegar pelas múltiplas narrativas com que entramos em contato e que se articulam nas práticas discursivas. Idem. P.36.

distinguem completamente do *zine* anterior, e apontam para uma forma de autonomização, pois a perspectiva muda. O inimigo do cenário rock metal extremo que o diabo está combatendo não é o cristão, mas o nazista. Mas qual é a relação do nazismo com o rock metal extremo? Nesse sentido, os anos 2000 apresentou o surgimento de bandas intituladas NSBM<sup>19</sup>. Sobre isso, Campoy nos diz que

(...) para que o NS adjetivasse o BM. Primeiro, as bandas nórdicas deixavam bem claro que, mesmo se apropriando de uma ideologia política, elas não eram bandas políticas. Podemos dizer que elas não poderiam se considerar bandas políticas, afinal, elas fazem arte, um cultivo do espírito e dos valores, e política pertence à esfera do externo e da imagem. Sendo assim, se tratava, elas diziam, de uma estética nacional socialista, muito apropriada para uma prática urbana beligerante e satânica. (...) o segundo ajuste para a realização da confluência. Os praticantes simplesmente se esqueceram do discurso cristão “do bem” do terceiro Reich em prol de uma imagem de horror e violência que a estética do nacional socialismo também evocava, logo transformada em imagem satânica e maléfica. Pronto. As suásticas já podem ir para as capas das gravações, os discursos de Hitler já podem servir como introdução das canções e a cabeça raspada e as botas militares, símbolos dos grupos neo-nazistas europeus, já podem ser contrabandeadas para o *underground* do metal extremo via o *national socialism black metal*. (...) começamos a seguir as repercussões do NSBM entre os apreciadores de *black metal* em geral, percebemos que os representantes deste estilo não são bem vindos no *underground* em razão de uma forte aversão ao seu item racial. (2008, P.167-169)

Na capa do *webzine* o diabo/Baphomet está espreitando um indivíduo usando farda nazista que, provavelmente, é a representação de Adolf Hitler. Novamente, o cenário rock metal extremo de Teresina ressignifica a figura do diabo para combater um novo inimigo. Tudo depende dos processos de singularização de subjetividades e produção de sentidos que o *underground*<sup>20</sup> vai passar, portanto, não podemos resumir a representação do diabo com uma simples blasfêmia, pois há sempre a possibilidade do “devir *headbanger*” construir processos de singularização que alterem em maior ou menor escala as representações do diabo no cenário rock metal extremo em Teresina. Assim, conseguimos identificar um diabo que tem suas representações pictóricas

---

<sup>19</sup>Nacional Socialism Black Metal.

<sup>20</sup> (...) se caracteriza como um conjunto de práticas urbanas que constroem alternativas de produção artística que não estão atrelados a lógica capitalística de subjetividades (...) In: NASCIMENTO, José Eduardo Oliveira. O cara mais underground é o diabo: **representações, sentidos e subjetividades sobre o diabo no rock metal extremo de Teresina entre 2005-2017**. 2018. 92 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual do Piauí, Campo Maior, 2018. P.13-14.

baseadas no período medieval e em Baphomet, porém, o mais importante é a produção de subjetividades e os sentidos como formas dinâmicas de autonomização, pois

o que vai caracterizar um processo de singularização (que, durante certa época, eu chamei de "experiência de um grupo sujeito"), e que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, à nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ser sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante. (GUATARRI, ROLNIK, 1996, P.46)

Enfim, por mais estático que pareça, existem sentidos heterogêneos nas representações sobre o diabo no cenário rock metal extremo de Teresina que são não apenas contrários a Igreja Católica, mas que reagem a grupos neonazistas e produzem processos de subjetivação singulares em relação ao cenário rock metal extremo de outras regiões do Brasil. O diabo em terehell é destituído de qualquer aura sobrenatural ou divina e se transforma em uma arma simbólica de luta e liberdade contra os inimigos do *underground*, sejam inimigos no sentido religioso ou político.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para compreendermos as representações do diabo no metal extremo de Teresina entre 2005-2017 usamos os conceitos de subjetividades, singularização, sentidos e autonomização, assim, identificamos metamorfoses no cenário rock metal extremo de Teresina. Nesse sentido, à medida que diferentes processos de singularização surgem nesse contexto específico, novas subjetividades são produzidas e, desse modo, a figura simbólica do diabo é ressignificada pelos *headbangers* de Teresina e, assim, novos tipos de sentidos são atribuídos ao diabo.

Essas transformações refletem o contexto micro, mas, principalmente, um contexto macro. Ora, durante a pesquisa pudemos observar mudanças, não somente em relação ao simbolismo do diabo, mas funções de autonomização dos próprios *headbangers* em relação a questões de nível macro, funções que fugiam do estereótipo

do “metaleiro satanista” e buscavam novas formas de uso estético e ideológico sobre tal figura. Assim, identificamos a ausência do “*headbanger satanista*” em Teresina, porém, encontramos o “*Headbanger ateu anticristão*”, ou seja, uma categoria que nega a existência de qualquer divindade, inclusive o diabo, mesmo utilizando suas simbologias em *zines*, capas de CDs e nas músicas. Para essa categoria, que se apresentou como dominante no cenário rock metal extremo de Teresina, o diabo é um instrumento para afastar indivíduos “falsos” do *underground*, é uma arma discursiva, um “símbolo ação” contra instituições, grupos ou indivíduos que os “*headbangers ateu anticristão*” identificam como ameaça.

Para concluir, devemos mencionar que o diabo do cenário rock metal extremo de Teresina não é o diabo cristão. É um diabo que, esteticamente, pega elementos do diabo cristão, mas que, dentro do cenário rock metal extremo, ganha novos sentidos que enfatizam uma subjetividade própria dos *headbangers* de Teresina. Ser um “*headbanger ateu anticristão*” é usar essa contradição em favor de uma produção de subjetividades que não seja modelizada e reduzida. (Guattari, Rolnik, 1996). O *headbanger* do cenário rock metal extremo de Teresina têm consciência desses elementos dissonantes e constrói para si um diabo que, poderá até ser confundido com o cristão, mas é singular. É o diabo de terehell.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W. GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: **um manual prático**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2002.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: O obvio e o obtuso: **ensaios sobre fotografia, cinema, texto e música**. Rio de Janeiro, Rj: Nova Fronteira, 1990.
- BAÇAN, L.P. **Baphomet**. ACRIBD. 1º edição eletrônica. 2010.
- CAMPOY, Leonardo Carbonieri. Trevas na cidade: **o underground do metal extremo no brasil**. 2008. 255 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ 2008.
- DURAND, Gilbert. **Imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI: mini dicionário da língua portuguesa**. 4. Ed., rev e ampl. Rio de Janeiro, Rj: Nova fronteira, 2001.
- GONÇALVES, Gleice Marques. **A face do mal: A personificação do diabo nas bibliografias de Santo Antão e Santo Pâcomio**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.
- GUATTARRI, Felix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4º edição, 1996.
- GANSOHR, Matheus. **O símbolo do diabo na música heavy metal: uma análise a partir do disco *reign in blood* do slayer**. 2010. 46 f. Monografia (Bacharel em Psicologia) –Departamento de Ciências Humanas e da Saúde, Universidade de Salvador – UNIFACS, Salvador, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, Sp: Edusc, 2005.
- MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1993.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: Editora Edusc, 2000.
- NASCIMENTO, José Eduardo Oliveira. **O cara mais underground é o diabo: representações, sentidos e subjetividades sobre o diabo no rock metal extremo de Teresina entre 2005-2017**. 2018. 92 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual do Piauí, Campo Maior, 2018.
- SILVA, Jaime Luis da. **O heavy metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e produção de identidade**. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RG, 2008.
- SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: Edição eletrônica, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

## **Documentos consultados**

### **1-Fanzines e webzines:**

BUTCHER 666, Chakal. **Apokalipse manifesto**. Teresina, PI: [2005 ou 2009].

NEPHASTHORM, Carlos. **Sindicato dos assassinos**. Teresina, PI: n.3, 2015.

**Entrevistas gravadas:**

HEWITT, **Pedro**. Entrevista (dez.2017). Entrevistador: José Eduardo. Teresina – Piripiri, 2017. Entrevista via WhatsApp concedida para elaboração da monografia de Licenciatura Plena em História do entrevistador.

NEPHASTHORM, **Carlos**. Entrevista (dez.2017). Entrevistador: José Eduardo. Teresina – Piripiri, 2017. Entrevista via WhatsApp concedida para elaboração da monografia de Licenciatura Plena em História do entrevistador.

X, **Headbanger**. Entrevista (dez.2017). Entrevistador: José Eduardo. Teresina – Piripiri, 2017. Entrevista via WhatsApp concedida para elaboração da monografia de Licenciatura Plena em História do entrevistador.